

Prof. Dr. Tércio Machado Siqueira

## Aula 2

### Colóquio de Doutorado

# A poética hebraica: Introdução



introdução

**Na última aula, estudamos algumas características da poesia hebraica e moderna. Hoje, vamos analisar detalhes da formação da antiga poética hebraica, mostrada pela Bíblia Hebraica. Antes porém, vamos conhecer um pouco da história da pesquisa da Bíblia Hebraica como poesia.**

**Em razão do conflito entre judeus e gregos, surgiram duas consequências: (1) a Bíblia Hebraica passou a ser lida como texto sagrado. Esse problema fez com que decaísse a consciência do valor literário e poético do texto bíblico. Provavelmente, esse detalhe fez com que os livros de Eclesiastes, Cânticos dos Cânticos, entre outros, perdessem o interesse dos intérpretes, bem como a literatura apócrifa.**

**(2) O apóstolo Paulo, envolvido nesse conflito, escreveu:**

*Minha palavra e minha pregação nada tinham de persuasiva linguagem da sabedoria, mas era uma demonstração de Espírito e poder (1Co 2,4).*

**Este confronto prolongou-se: em 362 dC, Juliano proibiu os cristãos de ensinar os clássicos gregos e latinos.**

**Na Idade Moderna, as primeiras ondas do Romantismo levaram o bispo anglicano Robert Lowth (1710-1787) a lançar um livro abordando a poesia hebraica. Como novidade, Lowth analisa os poemas individuais e faz destaque sobre a linguagem do paralelismo de membros.**

**No século seguinte, surgiu Herman Gunkel (1862-1932), e abriu uma nova etapa da literatura e da religião. Ele introduziu o conceito sociológico no estudo da Bíblia, através do termo técnico *Sitz im Leben*, lugar vivencial.**

**Em 1962, surgiu L. Alonso Schökel no cenário dos estudos da literatura bíblica, com especialidade no gênero da Sabedoria. A poética hebraica foi o seu tema preferido. Após, surgiram Wilfred G.E. Watson com *Classical Hebrew Poetry* (1984) e Robert Alter com a obra *The Art of Biblical Poetry* (1985).**





**a poesia  
hebraica**

**A poesia hebraica mostra dois aspectos: (1) ela guarda um aspecto inovador, mas (2) se revela bastante estereotipada e repetitiva, seja através de vocabulário ou estilo. Os salmos exibem padrões ou formas identificáveis. Os Salmos de Lamentação revelam uma estrutura padrão.**

**Erhard Gerstenberger fala em 40 salmos de lamentação no livro de Salmos (*Psalms - Part 1, série FOTL, 1988*). Cinco elementos são frequentes neste gênero de salmos: invocação, lamento, maldição, pedido e afirmação de fé.**

O campo semântico da lamentação é **sapad**, *lamentar* (Gn 23,2; 1Sm 25,1); **yalal**, *uivar* (Is 13,6; Jr 4,8); **lun**, *murmurar* (Ex 15,24; Nm 14,2); **`abal**, *cobrir-se de luto, lamentar* (Is 61,2-3; Sl 35,14); **bakah**, (Is 16,9; Sl 78,64); **naham**, *consolar* (Is 12,1; Jr 16,7). Inclui-se nesta lista a palavra **kinah**, *lamento fúnebre* (Jr 9,9; Ez 19,1) e as exclamações de dor: **ho**, *ai* ou **hoy** (Am 5,16) e **`ik** e **`ekah**, *como?* (Jr 8,8).

**A tradição do lamento segue três etapas: (1) os breves lamentos pertencem ao início da história de Israel (Gn 25,22; Jz 15,18); (2) os salmos exemplificam um tipo que caracteriza o lamento cúltico do período do exílio (Sl 12; 54) (3) as formulações longas pertencem ao período pós-exílio (Jr 14-15; Esd 9; Ne 9).**

**A larga ocorrência no livro de Salmos, especialmente, tem sua razão de ser: um dos contextos mais importantes da liturgia de lamentação é a destruição de Jerusalém e o exílio de parte do povo. A liturgia adequada à dor do povo girou em torno do lamento.**

**A principal expressão do culto, no exílio, foi a liturgia da lamentação. Impedidos de celebrar no Templo, o povo seguiu praticando um ritual que recordava os acontecimentos mais recentes da grande catástrofe nacional.**

**O povo, então, criou quatro celebrações sobre os destroços do Templo, com uma liturgia do jejum: no décimo mês, lembrava o início do cerco babilônio; no quarto mês, lembrava a primeira abertura na muralha; no quinto mês, a destruição do Templo e do palácio; no sétimo mês, o assassinato do governador Godolias.**



**No período do exílio, a lamentação tornou-se o elemento popular e mais importante do culto comunitário (sem sacrifícios animais, mas apresentação de frutos do campo). Não é exagero afirmar que o ritual do lamento se tornou um instrumento ecumênico.**

**Aberto ao povo sofredor, a lamentação se converteu numa espécie de foro público, onde diferentes grupos podiam expressar suas próprias concepções teológicas. Daí, temos a diversidade de gêneros literários: lamentação individual e comunitária.**

**A lamentação no livro de Salmos trouxe duas novidades: (1) ela é elaborada em linguagem poética; (2) o lamento vem, necessariamente, acompanhado da declaração de fé:**

*Os estrangeiros se levantam contra mim... porém, Deus é meu socorro... (Sl 54,5-6).*



**o  
paralelismo  
de membros  
na poética  
hebraica**

**Como a poesia em geral, os salmos refletem um estilo compacto de discurso, empregam linguagem figurativa e evocam poderosas imagens e emoções. Gramaticalmente, a linguagem concisa da poesia bíblica tende omitir certas palavras presentes, obrigatoriamente, na prosa: o artigo definido e os pronomes relativos.**

**Comparada à prosa, a poesia hebraica distingue-se:**

**(1) pela estrutura linear:**

*Eu esperei muito (por) Javé, e Ele se inclinou para mim, e Ele ouviu o meu grito de socorro.*

*e fez-me subir de um buraco devastado, de um lamaçal de barro, e colocou meus pés sobre uma rocha, e deu estabilidade a meus passos*

*(Sl 40,2-3)*

## (2) assonância e aliteração:

*ka´ et hari`xon*, como nos tempos primeiros ele desprezou...

*weha`aharon hikebid...*, mais tarde honrou

(Is 8,23)

*wayeqaw lemixpat wehineh mixepah*, esperei direito e eis

assassinos

*lisedaqah wehineh se´aqah*, justiça e eis lamento

(Is 5,7)

### **(3) repetição de palavras:**

*halelu `et Yehweh... Louvai a Javé...*

*haleluhu bameromim, louvai-o nas alturas;*

*haleluhu kal-male `akkayru... louvai-o todos os seus  
anjos*

**(SI 148,1-2)**



**(5) vocabulário incomum:**

***selah, sela***

**Até hoje, palavra hebraica sem uma explicação convincente.**

## **(6) pares de palavras (paralelismo de membros):**

**O paralelismo é, provavelmente, a linha de investigação mais rica da poesia hebraica. É o procedimento mais frequente e conhecido dos poetas bíblicos. Este fenômeno poético tem chamado a atenção dos intérpretes por mais de dois séculos.**

**Em 1753, o inglês Robert Lowth publicou *De sacra poesi Hebraeorum* ("Sobre a poesia sagrada dos hebreus"). Neste livro, Lowth destacou o grau primoroso de beleza e graça da poesia hebraica. Acima de tudo, ele considerou que o *parallelismus membrorum* é a característica central desta poesia.**

**Em seu livro, *Isaiah: A New Translation with a Preliminary Dissertation and Notes, Critical, Philological, and Explanatory*, Lowth deu um definição mais precisa deste fenômeno linguístico. Ele denominou "paralelismo de membros" a correspondência de um verso ou linha com outra.**

**Ele localizou e denominou estas correspondências poéticas em três categorias: (1) paralelismo de sinônimo; (2) paralelismo antitético e (3) paralelismo sintético. Lowth percebeu que o verso hebraico consiste tipicamente de dois segmentos (às vezes referido como "bicola", embora padrões "tricola" sejam atestados).**

## **a) Paralelismo de sinônimo**

**Se o sentido do conjunto é equivalente ou semelhante, o paralelismo se chama sinonímico.**

*Quando saiu Israel do Egito,  
a casa de Jacó de um povo de fala ininteligível,  
tornou-se Judá seu santuário,  
e Israel, seu domínio*

**(SI 114,1-2)**

**O paralelismo poético reflete certa confirmação de sentenças. As duas primeiras frases transmitem a mesma coisa, em diferentes palavras:**

*Quando saiu Israel do Egito, a casa de Jacó de um povo de fala ininteligível (v.1).*

**Esta oração consiste de dois paralelos (cola) - Israel e casa de Jacó - que servem como parceiros correspondentes também de Egito e povo de fala ininteligível (v.1).**

**A segunda unidade do verso (v. 1b) mostra um sujeito correspondente, a casa de Jacó e uma frase proposicional correspondente, *de um povo de fala ininteligível*. O verbo que falta, nesta frase, está oculto. É o verbo sair, presente na frase anterior, *Quando saiu Israel do Egito* .**



**Sendo assim, a frase, *a casa de Jacó de um povo de fala ininteligível* (v.1 b), desenvolve a primeira frase, *Quando saiu Israel do Egito* (v.1 a). Robert Lowth considerou este texto como um exemplo clássico do paralelismo de sinônimo, um caso que expressa correspondência poética, isto é, o mesmo sentido usando diferentes termos.**

**Em outras palavras, as duas frases paralelas se correspondem e estabelecem relações de identidade: Israel é a "casa de Jacó"; o Egito é um "povo de fala ininteligível".**

**A interpretação do verso 2 segue o mesmo raciocínio do verso 1: "Judá" e "Israel", bem como "santuário de Deus" e "seu domínio" são elementos correspondentes. Como o verso 1b, o verso 2b, e Israel, seu domínio tem o verbo, tornar, oculto. A estrutura prosódica do verso 2 reflete o verso 1.**

**Outro exemplo do paralelismo de sinônimo encontra-se no Salmo 30:**

*Tu transformaste o meu lamento em dança;  
Tu tiraste meu pano de saco e me cingiste com alegria  
(Sl 30,12)*

**A intenção deste paralelismo é ilustrar como Deus transforma a situação do salmista: do lamento para a celebração. A segunda linha amplifica e dá sentido à primeira.**

## **(b) Paralelismo antitético**

**Se os sentidos do conjunto se opõem, então o paralelismo tem o nome de antitético. Para Lowth, quando duas linhas se correspondem por oposição de termos e sentimentos, e quando a segunda unidade do verso é contrastado com a primeira, trata-se de um paralelismo antitético.**

*Para ti um povo humilde é liberto,  
mas os olhos soberbos tu rebaixarás*  
(SI 18,28)

*Uns em bigas, outros em cavalos,  
mas, nós, no nome de Javé, encontramos força*  
(SI 20,8)

**Nos dois exemplos, a conjunção hebraica adversativa, *wav*, mas, na segunda unidade do verso é que revela o contraste. A correspondência, em ambos os exemplos, revela contraste, antes que sinônimo: povo humilde e olhos soberbos constituem-se o primeiro par de oposição, como fazem os elementos verbais: libertar e rebaixar.**

### **(3) Paralelismo sintético**

**Quando o sentido se complementa, Lowth o chama de sintético.**

*A ti, Javé, eu clamo, rocha minha, não me sejas surdo:  
que eu não seja, frente ao teu silêncio  
como os que descem à cova!  
(Sl 28,1).*



**Nem todos os exegetas concordam com esta denominação, porque esta denominação aproxima-se do paralelismo de sinônimo. Todavia, os exemplos destes dois salmos mostram que as segundas linhas não tentam explicar os sentidos das primeiras.**



**observações  
finais**

**(1) Desde o século XVIII, os/as estudiosos/as têm afirmado que a poesia hebraica está baseada no paralelismo de membros. Segundo Robert Alter, não há preocupação com o ritmo.**

**(2) Paralelismo é um produto da arte poética: ele cria no processo de leitura uma progressão de pensamento que pode servir a vários propósitos. O paralelismo realça e intensifica o sentido da linha básica; reforça didaticamente a intenção do autor, através do contraste; e complementa o propósito do poeta em suas frases.**

**(3) O paralelismo revela um dinâmico micro-mundo em que muitos componentes funcionam para uma verdade comum. Desta forma, uma linha cria e enriquece o sentido da outra. Isolada, a frase, ou linha, comunica somente metade do significado. A segunda linha do paralelismo estimula e enriquece o sentido do texto.**

**(4) A forma da poesia hebraica tem uma história da tradição: ela começa com afirmações curtas e diretas como o cântico de Miriam (Ex 15,21); no culto, a poesia assumiu uma forma caracterizada por linhas; e, finalmente, no período pós-exílio, a poesia hebraica ganhou extensão ou tamanho.**

**(5) O que mais caracteriza a poesia hebraica é a sua ligação com a história. Evidentemente que as produções poéticas tardias aparecem desvinculadas com a história. Cresceram, tardiamente, os gêneros sapiencial, legal, apocalíptico, bem como a prática pietista.**